

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 9 – Intervenção

I

Mais um dia cheio estava chegando ao fim. Já era outubro, dia 12 do mês. O outono já se fazia presente, decretando o fim do verão. Assim, é claro, o dia chegava ao fim relativamente cedo. E desde o início da punição, Michael e Brian Makoto, juntamente com Richard Bent e Alexander Dolton, todos eles sempre tinham um dia cheio. O senhor Phillip era rígido e impecável quanto à limpeza e à organização de toda a propriedade que estava dentro dos limites da Fundação Levine. Não havia um só lugar de toda a propriedade que não fosse tratado de maneira apropriada, nem mesmo o interior de Overton Woods estava longe demais do olhar perscrutador do senhor Phillip no cumprimento do dever.

A ajuda de quatro jovens vigorosos veio bem a calhar para o senhor de quase 60 anos. É verdade que sua equipe contava com mais de uma dúzia de componentes, mas a propriedade era grande. Assim, os quatro rapazes tinham seu potencial aproveitado ao máximo.

Para a sorte de Brian, Tom Geil não sofreu nada mais que dois dias de dores de cabeça por causa do golpe que recebeu – Michael incomodava o irmão dizendo que, não fosse por isso, Brian teria de ser a babá de Tom e a faxineira dos Levine ao mesmo tempo.

Esse dia não fugiu ao padrão. Os quatro foram incumbidos de limpar toda ala da piscina no período da tarde. Como o padrão de limpeza do senhor Phillip era altíssimo, e isso agradava sobremaneira a Sir Ektor, os jovens rapazes mais uma vez tiveram uma tarde muito atarefada. Assim que acabaram o almoço, os rapazes deram início ao trabalho. Não acabaram sua tarefa antes de o sol haver se posto.

Michael já estava acostumado com aquilo. Na verdade, ele achava aquele um tempo que poderia ser utilizado com algo mais produtivo, mas nada demais. Não seria difícil suportar aquilo até o fim do ano, até mesmo porque já havia entrado no costume, tanto que em alguns momentos quase lhe dava prazer aquele serviço.

Seu irmão, contudo, não parecia ter a mesma opinião. Embora ele lidasse com suas tarefas de maneira exemplar, não houve um só dia em que Michael conseguiu ver seu irmão minimamente feliz com aquilo. Richard parecia ser totalmente indiferente à nova ocupação. Era Alexander que constituía a exceção. Dolton notadamente odiava tudo aquilo. Houve momentos em que ele por pouco não desrespeitou o senhor Phillip. Para a sorte dele, Richard o impediu de completar seus momentos de loucura.

Uma vez por mês, no dia 13 do mês, fosse por superstição ou não, um pequeno grupo ia até Overton Woods para recolher qualquer madeira caída em excesso ou qualquer sujeira em geral. Era um trabalho que tomava o dia praticamente todo. No mês passado, os quatro rapazes foram selecionados para o serviço – essa foi uma das ocasiões em que Alexander quase gritou com o senhor Phillip. Amanhã seria mais uma vez um dia 13, dia em que os quatro teriam de passar o dia em Overton Woods para limpar a floresta. Já sabiam que seriam eles a fazer aquilo, e Alexander já demonstrava, em silêncio, sua desaprovação.

Michael achava a limpeza da floresta um dos trabalhos que menos lhe desperdiçava tempo. Estavam num ambiente diferente, o que por si só já era relaxante. Mas a origem de seu maior interesse por tal ocupação estava no fato de ser um trabalho que envolvia uma utilização maior de força, o que ajudava em seu treinamento; e no fato do guarda da fundação que passava o dia na floresta, o senhor Clay, ser um homem

quase tão velho quanto o senhor Phillip, mas estar em plena forma física, podendo vencer Michael em quase qualquer competição de força ou agilidade, além de ser um contador de histórias incríveis.

O pobre senhor Clay nutria uma admiração inesgotável por Sir Ektor e, de uma maneira geral, pela família Levine. Ele, assim como o senhor Phillip, trabalhou para o pai de Sir Ektor antes. Eram as duas pessoas mais velhas que trabalhavam na Fundação Levine. O senhor Clay desejava um dia poder ser um instrutor da fundação, disse isso a Michael duas ou três vezes. Michael, no entanto, não acreditava que isso fosse possível. O velhote tinha uma forma física muito boa, mas seu domínio da aura não era suficiente para o trabalho. A quantidade de aura emitida pelo velho senhor nunca foi maior que 2 mil, ao menos nas vezes que Michael conseguiu ver. Para a maioria, é uma quantidade boa, somada aos atributos físicos do homem. Contudo, para os parâmetros dos instrutores, era muito baixa. Michael não sabia quem era o instrutor mais fraco, mas não conhecia nenhum que tivesse uma quantidade de aura emitida inferior a 8 mil. Satoshi lhe disse outro dia que Neville Trusten, em quantidade de aura, era o segundo melhor da fundação, só perdia para Marinville. Trusten, segundo Satoshi, tinha uma aura emitida de quase 14 mil. Não era de espantar que ele tenha segurado o soco de Michael com facilidade. Marinville era ainda mais assustador, tinha uma aura emitida de no mínimo 15 mil, mas ninguém conhecia a quantidade máxima, pois ele nunca mostrou.

Como regra geral – embora isso mude de indivíduo para indivíduo –, a aura emitida máxima representa entre 8,5% a 10% da aura total da pessoa. Se essa regra se aplicar a todos os instrutores, é possível entender que o nível deles, em quantidade de aura, é muito alto.

O nível dos instrutores era alto, mas não apenas na quantidade de aura que possuíam. Todos eles, segundo o pai de Michael, todos possuíam técnicas especiais. Satoshi não teve oportunidade de conhecer nenhuma, pois nenhum deles teve a gentileza – e a estupidez – de mostrar a Satoshi suas técnicas especiais. A quantidade de aura pode definir o rumo de uma luta entre duas pessoas, certamente, mas se não for extremamente diferente, é muito possível que as técnicas decidam o vencedor. Satoshi contara a Michael alguns casos em que até mesmo com quantidades muito diferentes de aura, o lutador em desvantagem venceu a luta. Um exemplo era ele mesmo, pois Satoshi não detinha uma aura emitida gigantesca. Longe disso. A aura emitida máxima de Satoshi, atualmente, era de algo em torno dos 9500. Sua aura total, da última vez que tentou medir, era de algo em torno dos 110 mil. Se comparado a alguém como Trusten, Satoshi não deveria ter chance, mas teve. Certa vez, Michael ficou sabendo, Satoshi lutou contra dois homens que tinham auras tão fortes quanto Trusten. Seu pai matou ambos por conta de sua técnica especial. Seu tio Ben, que tem uma aura emitida menor que a de Satoshi, é considerado o mais mortal dos agentes da Interpol. Tudo isso devido a técnicas especiais.

Michael criaria uma para si, no momento certo. Seu pai lhe ajudou a entender um pouco seu potencial estranho. Michael, sob situações de forte emoção, extrai de si mais aura que o seu “normal máximo”. Segundo os testes, Michael tem uma aura emitida máxima de 738, enquanto sua aura total é de 8 mil. Quando está em uma situação de forte emoção, Michael pode extrair de seu interior uma aura extra que é quase igual à quantidade normal máxima. Isso, no entanto, tem um preço. Michael consegue usar quase o dobro da sua aura emitida máxima em algumas situações, mas tem um desperdício de aura muito grande nesses casos. Michael percebeu isso em um rápido treino com seu pai, no qual usou um soco de 1300 de aura emitida concentrada em seu punho direito. Fez isso 4 vezes. Ao aplicar o quarto soco, Michael estava exausto. Quase metade de sua aura foi “desperdiçada” para conseguir esses 4 socos.

Michael aprendeu que normalmente, quando emitimos nossa aura máxima, ela entra em uma taxa de desperdício de 1 por segundo, embora isso varie de acordo com o indivíduo. Quando emitida a aura máxima, se o usuário movimentar sua aura pelo corpo, concentrando muito de aura em um só ponto, a taxa de desperdício aumenta várias vezes. Quando Michael extrai mais aura de si que o máximo que pode emitir, a taxa de desperdício aumenta absurdamente. Satoshi aconselhou-o a não usar isso em uma batalha a menos que seja extremamente necessário. É uma arma poderosa, mas altamente perigosa.

Michael Makoto agora terminava sua parte da limpeza na ala da piscina. Olhou para os colegas que ainda continuavam o trabalho e resolveu ajudá-los. Ao perceber que estava tudo chegando ao fim, Michael decidiu ir.

– Pessoal – disse ele –, vou deixar vocês por hoje. Até amanhã.

Em meio aos olhares cerrados de Alexander Dolton, Michael deixou o salão. Michael se pegou sentindo saudades insuportáveis de Carol. Mais uma vez, aquele mesmo sentimento o acometera. Michael teve, meses atrás, a conversa que precisava ter com sua namorada. Os ânimos do casal se exaltaram desde então e, apesar de estarem namorando, não conseguem mais ter uma conversa que flua. Depois de passarem 10 minutos um com o outro, eles sentem um desejo incontrolável de jamais se separarem novamente. Claro, desde que estejam em silêncio.

O que veio à mente de Michael foi o momento no último dia 21. Michael e Carol sentaram-se juntos, uma vez mais, no lugar especial de Carol, no alto da antiga torre de vigilância. Olhavam o rio que corria do outro lado do muro, envoltos nos braços um do outro. Em silêncio, Michael sentia que qualquer sentimento errado desaparecia e os dois ficavam como deveria ser, em uma paz sem igual. Mas chegava sempre aquela hora. A maldita hora da qual Michael nunca podia escapar. Aquele momento em que a necessidade de cumprir algum dever, de implementar algum projeto, ou até a necessidade frívola de perguntar ao outro qualquer coisa. Esse momento sempre chegava, e com ele vinha a consciência da realidade. Sim, a consciência de que aqueles dois jovens pertenciam a mundos distintos e que, por mais que desejassem mudar tudo isso, ainda nutriam um sentimento de desgosto por uma parte do outro. Esse sentimento aniquilava a felicidade do casal. Era esse sentimento que causava um certo distanciamento entre os dois.

Michael torcia para que o tempo mudasse, aos poucos, determinados aspectos de cada um. Talvez com o decorrer da vida, Michael e Carol conseguissem compreender mais um ao outro, encontrar aquilo que lhes fazia amar o outro e jogar fora aquela outra coisa, aquela parte indesejada que lhes fazia recuar.

O tempo passava, passava e passava continuamente. A distância entre Carol e Michael aumentava, em lugar de diminuir. Em certas ocasiões, Michael podia perceber o olhar desafiador de Christian Levine a lhe lembrar de suas palavras no jardim.

Ele que se dane!

Michael estava dando tempo ao tempo, isso é o que importava. Contudo, quanto mais o tempo passava e Michael observava que Carol não mudava como ele pensava que ela mudaria, mais e mais Michael sentia um sentimento indesejado em si. Existiam momentos em que o jovem rapaz perdia as esperanças de que os dois pudessem viver juntos.

Por várias vezes, Michael pensou que o melhor a fazer era deixar Carol. Essa ideia lhe parecia a mais prudente e sensata. Logo depois, vinha a saudade, o sentimento aterrador que lhe fazia desistir de qualquer plano traçado anteriormente.

Michael vivia com essa dúvida. Ele não sabia o que fazer, não sabia o que deveria fazer. Não sabia o que era mais razoável e tinha medo de só conhecer as

consequências de suas decisões depois de acontecerem. Por isso, Michael continuou levando as coisas da maneira que estavam, por mais que tudo aquilo fosse inconveniente, ele estava determinado a levar o máximo possível. Seu medo, entretanto, era que Carol não pensasse como ele.

Essa dualidade incrível de pensamentos fazia com que o jovem Makoto passasse os dias sem concentração em seu treinamento ou em suas tarefas. Levou mais de um mês até que Michael aprendesse a usar suas tarefas e seu treinamento como um meio de escapar por algum tempo de todos aqueles pensamentos. Até mesmo pensar no possível perigo que envolvia a vida de seu pai, juntamente com a sua e com a de seu irmão, até isso servia para Michael como um meio de fuga. Era uma ideia ridícula para Michael, ele percebia isso sempre que refletia sobre o assunto, mas o senso de ridículo de um homem apaixonado aparentemente era demasiado elástico.

– Michael Makoto! – disse aquela voz familiar quando Michael entrou no restaurante a passos largos visando as escadas que levariam ao primeiro andar.

O jovem Makoto reconheceu rapidamente a bela Lenina Hawk. Aquela mulher desenvolveu por ele uma afeição repentina nos últimos meses. Michael chegou a pensar, no início, que fosse um caso de atração física, mas percebeu rapidamente que não se tratava disso. Não havia nada demais em seu comportamento. Basicamente, sempre que o via, a instrutora lhe enchia de atenção. Perguntava sobre como estava, sobre o que pretendia fazer de seu futuro... as perguntas mais generalistas, e sempre repetidas.

– Olá, Lenina. Como vai? – respondeu Michael, ele sabia que ela não queria que ele a chamasse de instrutora ou de senhora.

O rapaz ainda não conseguia entender o que aquela bela mulher mais velha queria com ele. Meses se passaram e o comportamento continuou inalterado, sem um objetivo aparente. Michael não compreendia, por mais que refletisse sobre o caso, qual a motivação de Lenina Hawk em lhe tratar daquela maneira. Ele já havia notado que ela não tratava ninguém mais assim na fundação. Seu pai, quando Michael pediu sua opinião, não soube o que dizer também. Brian limitou-se a rir. Ele continuava sem coragem suficiente para perguntar a ela qual era sua pretensão – isso seria muito inapropriado. Talvez se tratasse de não mais que uma pegadinha do destino com o garoto. Sim, quem sabe a vida tenha um senso de humor requintado o suficiente para colocar uma mulher bela e gentil próxima a um rapaz que está sofrendo por amor.

– Como vai você, Michael? – perguntou ela, como sempre.

– Estou acabando agora meu trabalho na limpeza – disse ele.

– Ah, a punição. Hihhi. Tenha ânimo! Faltam poucos meses – disse ela em tom jocoso.

Michael não estava com muita paciência para aquilo. A situação nunca o agradou. Por mais simpática que Lenina fosse, Michael não se sentiria bem ao lado dela. Michael já havia entendido que a desejava. Não sentia por ela nada do que sentia por Carol, mas Lenina era bela e o tratava tão bem, enquanto Carol estava cada vez mais distante.

– Preciso subir para o quarto, Lenina. Depois nos falamos, está bem?

– Ah – a mulher pareceu um pouco surpresa. Tudo bem, depois nos falamos. Vou continuar meu jantar.

De fato, ela havia levantado de sua mesa para falar com Michael e agora estava retornando a seu lugar.

Mas o que é que significa isso?! O que essa mulher quer?

Michael chegou ao seu quarto. Não havia ninguém lá. Michael pegou algumas roupas limpas e foi tomar um bom banho. Aquilo conseguia lhe tirar um pouco da preocupação que estava sobre ele. Voltou ao seu quarto e não havia ninguém mais uma

vez. Seu pai deveria voltar a qualquer momento. Michael estava lendo o último capítulo de A Arte da Guerra quando o relógio anunciou as 8 da noite. Terminou de ler o livro e desceu ao restaurante para comer algo. Muitas pessoas estavam lá, Brian surgiu nas escadas quando ele descia, mas nem sinal de seu pai. Talvez trabalharia muito aquela noite. Supondo dessa forma, decidiu ser rápido e comeu algumas frutas, nada mais. Voltou ao quarto e tentou dormir.

Michael Makoto não saberia dizer como aconteceu, mas o sono lhe acometeu sem muita demora. Antes das 9 da noite, Michael dormia bem, como poucas vezes nesse ano que passou.

II

O ponteiro pequeno do belo relógio do restaurante aproximava-se do número 9. Era uma manhã amena, não fria, mas Brian já estava incomodando-se com a temperatura. Ele e Michael não viram o pai desde a manhã anterior. Estavam agora comendo algo no restaurante antes de adentrarem Overton Woods juntamente com Bent e Dolton.

Brian estava um pouco preocupado com o pai. Que poderia ele estar fazendo para não dar notícia alguma nas últimas 24 horas? Michael estava visivelmente mal, talvez por conta de Carol. Não seria surpresa, já que a garota estava sentada com uma amiga no centro do restaurante e conversavam agora com Christian Levine, que estava em pé ao lado da mesa. Por tudo isso, Brian não partilhou suas preocupações, que não eram tão fundadas assim, pois Satoshi já passou mais de um dia sem lhes procurar para nada. Claro que isso não ocorria mais depois que Michael brigou com Richard, mas ainda assim...

Sem que Michael parecesse perceber, ele levantou-se no momento em que Carol passava por ele acompanhada de sua amiga. Ambas estavam indo em direção às escadas, quando Michael olhou nos olhos da garota loira. Ela parou de súbito ao ver que ele a olhava.

– Hoje é dia de ir pra floresta, não é? – perguntou ela, sem emoção na voz.

Ele respondeu: – É. E você? Vai fazer algo especial hoje?

– Vou trabalhar na tela do jardim – disse sem animação.

– De novo?

– Por que não?

– Por nada. É que... Bem, deixa pra lá.

– Tá bem – disse ela friamente.

Carol seguiu para as escadas e deixou Michael para trás. Ele não disse uma só palavra depois que ela partiu. Voltou a sentar e esperou até que Brian terminasse sua refeição. Não demorou muito para que Brian estivesse pronto para partirem. Encontraram Richard e Alexander na saída do restaurante e foram para a floresta.

Não precisariam nem mesmo falar com o senhor Phillip. Sabiam o que precisavam fazer e como precisavam fazer. Apenas foram até o início do domínio das árvores e continuaram andando.

Para a sorte deles, não seria preciso juntar todas as folhas da floresta que estavam caídas. Essa ideia assaltou Brian no início, logo que viu o outono chegar, mas o senhor Phillip o tranquilizou. Chegavam agora próximo à pequena guarita em que o senhor Clay costumava estar. Overton Woods era, de certa forma, uma floresta densa. Não podiam ver claramente a guarita até chegarem a menos de 10 metros dela. Michael ia na frente e foi o primeiro a chegar até a guarita.

– Senhor Clay, somos nós! Já chegamos! – disse Michael, mas não houve resposta.

– Ele deve estar rondando por aí – falou Richard. É melhor que a gente comece logo. Como da outra vez. Eu vou com o Alex por aqui – e apontou com o braço para o norte – e vocês vão pra lá – apontou para o leste. A gente volta pra cá quando chegar o meio-dia.

– Tudo bem por mim – respondeu Michael.

Brian acenou com a cabeça e Dolton limitou-se a seguir para o norte.

Ao meio-dia estariam de volta, e o senhor Clay estaria lá com o almoço, como estava acertado. Até lá, deveriam começar a recolher qualquer lixo que estivesse jogado pela floresta. O vento, segundo lhes disseram, trazia alguns papéis até a floresta. Talvez trazidos de York. Também recolhiam qualquer galho ou pedaço grande de madeira que estivesse caído pela floresta. Cada um trazia um saco plástico para recolher o que encontrassem. Michael estava a uns 10 metros de distância de Brian. Não estava falando muito. Já haviam percorrido uns 20 metros quando ele disse as primeiras palavras.

– Eu esperava que o senhor Clay estivesse na cabana – disse ele. Talvez ele soubesse de uma história ou outra que me ajudasse.

– Relaxa, Michael! Isso acontece, cara. Com o tempo, isso passa.

– Só porque todo mundo diz isso? Pode até ser, mas parece que não é bem assim. Eu diria que diminui com o tempo, mas nunca passa.

– E como você vai saber disso se nunca passou por essa situação?

– Não sei.

– Tá vendo só? Relaxa um pouco, cara! Dê tempo ao tempo.

– Eu tô fazendo isso, mas não ajuda.

– Continue fazendo, então.

– Ah vá...

– Eu tô falando sério. Não sei bem pelo que você tá passando, mas não ajuda ficar impaciente. Deixa a vida continuar. Um dia você encontra alguém que goste. Alguém que você goste até mais do que a Carol.

Não houve resposta.

– Vai fazer charminho, agora? A gente tem uma tarefa bem grande aqui, vê se não fica chateado demais, ou a gente não vai conseguir acabar antes do anoitecer.

As folhas laterais das árvores não permitiam que Brian visse o irmão, mas ouvia os passos indo na direção oposta a ele. Brian compreendia um pouco do que Michael devia estar sentindo, mas agora não era o momento para se condoer. Precisavam terminar o trabalho antes do anoitecer e Michael não iria bancar o pobrezinho agora. Não com Brian.

Foi atrás do irmão a passos largos, tanto quanto as folhas e galhos lhe permitiam se mover rapidamente. Viu que o irmão ia andando lentamente carregando algo grande sobre o ombro direito.

– Achou um tronco? Espera aí, esquentadinho, fala alguma coisa!

Michael parou e colocou um corpo no chão. Brian agora chegara a menos de 5 metros, mas percebeu tarde demais que Michael estava deitado sobre o chão da floresta. Não teve a oportunidade de desembainhar a espada de madeira antes que o velho de longos cabelos brancos o alcançasse. Foi a última coisa que Brian lembrou ter visto.

Acordou numa sala de mais de 200 metros quadrados. Era como se estivesse dentro de uma cabana. As paredes eram de madeira, não haviam janelas. Havia uma porta, e junto a ela estava o homem que Brian logo reconheceu como o velho que o derrubou na floresta. Estava sentado no chão com as pernas entrelaçadas.

Brian estava sentado e recostado numa das paredes da sala retangular. Michael estava ao seu lado, inconsciente. Não havia sinal de Bent ou Dolton. Olhou para o velho e percebeu que estava sendo atenciosamente observado.

– Quem é você? – perguntou ao velho, friamente, mas sua voz deixava transparecer um certo nervosismo.

O velho de longos cabelos brancos vestia um kimono japonês completamente branco, de material aparentemente resistente. Ele tinha o rosto firme e os olhos inquisidores. Era oriental, sem sombra de dúvidas, mas tinha uma pequena barba que lhe cobria a parte mais baixa do rosto. Tanto seus cabelos, tão longos que chegavam ao meio de suas costas, quanto sua barba eram totalmente brancos. O homem continuou observando Brian, movendo os olhos deste para Michael desacordado e de volta para Brian. Nada falou.

– Eu perguntei quem é você – insistiu Brian com certa imposição na voz.

O homem continuava calado. Brian se pôs de pé. Não estava amarrado ou acorrentado com nada. Seu corpo estava em plenas condições físicas, sequer estava cansado. Olhou o homem novamente e tornou a falar: – Somos seus prisioneiros?

– É uma maneira de ver a situação – respondeu o homem, e tinha uma voz profunda e firme; possuía um leve sotaque que indicava sua origem, provavelmente japonesa, como o próprio Satoshi.

– Por que não me diz quem é você, então?

– Quer saber quem sou, Brian Makoto?

Brian foi tomado por uma surpresa súbita que desapareceu tão rapidamente quanto surgiu. Se aquele homem os sequestrou, parecia normal que ele soubesse seus nomes.

– Quero – foi o que Brian limitou-se a dizer, tentando disfarçar o súbito espanto.

– Pois bem. Sou um amigo de seu pai. Por hora, é o que precisam saber. E também devem saber que estão aqui para sua proteção. Satoshi já deve ter encontrado uma forma de desaparecer do campo de visão dos membros da Grey Star. Amanhã, tão cedo quanto os primeiros raios do sol aparecerem, esse lugar vai estar repleto de agentes da Interpol e da ONU.

Por alguma razão, seja o sotaque ou a firme voz do velho, Brian não acreditava que ele estivesse mentindo. Havia sinceridade em sua voz.

– Entendi – ouviu-se a voz de Michael dizer.

Brian foi pego de surpresa, mas notou que o velho já sabia que Michael não estava inconsciente. Seu irmão abriu os olhos e se pôs sentado, da mesma maneira que o velho estava.

– Mas me diga, senhor – continuou Michael –, o senhor também sequestrou o senhor Clay? E os outros dois rapazes que vieram conosco?

– O senhor Clay é o homem que estava de guarda na floresta? Já foi levado. Não sei o que vão fazer com ele. Talvez o prendam até que aconteça o julgamento. Quanto aos outros dois rapazes, eles devem estar no castelo contando a Sir Ektor como não há sinal de vocês dois.

– Por quê? Por que não nos levaram junto do senhor Clay? Por que estamos aqui?

O velho sorriu.

– Porque Marinville tem um interesse muito grande em vocês dois. Talvez seja preciso que estejam aqui quando eu o prender. Talvez precisemos fazer algumas perguntas a ele.

Brian não sabia bem o que o deixou mais abismado: um homem que achava que iria conseguir prender Marinville – aquele homem era inegavelmente um monstro, todos concordavam – ou a calma que Michael estava demonstrando.

– Então a Interpol e a ONU estão planejando atacar a fundação. E estão tentando deixá-los confundidos antes do ataque. Pra isso que deixou os outros dois voltarem e relatarem que só os Makoto desapareceram, não é?

O velho sorriu de novo.

– Sua mente é bem treinada, rapaz. Não está longe da verdade. Até onde sei, os homens da Interpol precisam de algum tempo para chegar aqui. Estão tentando ganhar esse tempo causando confusão nas mentes dos membros da Grey Star.

– Tudo bem – Michael se pôs de pé –, mas eu preciso que me deixe voltar pra lá agora. Se vai haver um ataque amanhã, preciso tirar Carol de lá antes.

– Não sei quem é Carol, mas você não pode ir. Precisa ficar aqui.

– Então vá você e traga ela como nos trouxe! – Michael começava a ficar nervoso.

– Também não posso. A menos que ela entre na floresta, onde eu posso agir sem ser visto, não poderei fazer isso. Minhas desculpas.

– Então saia da frente! Eu vou! Essa porta leva para a floresta?

– Sim. Estamos embaixo dela. Um dos homens da ONU tem uma habilidade especial interessantíssima. Ele conseguiu...

– SAI DA FRENTE! – trovejou Michael.

Brian pensou que Michael iria se lançar contra o homem, mas ele não o fez. O velho permaneceu calmo e tudo o que fez foi tornar a falar: – Já lhe disse que não posso.

– Então eu vou tirar você da frente, se precisar! – disse Michael, agora ainda mais exaltado.

– Seria inútil tentar. Não conseguiria. Além disso, acabaria machucado. Precisaré estar em boa forma amanhã, caso seja necessário lutar.

Michael deu alguns passos em direção ao velho e parou de frente com ele.

– E se for você quem sair machucado?!

– Impossível. Contudo, acredito que você não vai se dar por vencido só com palavras, correto? Então farei o seguinte: vocês dois podem tentar o que quiserem. Se conseguirem me fazer sentir dor o suficiente para que eu grite, reclame, ou ao menos contorça os lábios por causa da dor, se fizerem isso, eu os deixo passar. É uma esperança menos impossível que a de me derrotar. Será um bom treino para vocês.

– E se o derrotarmos? – perguntou Michael.

– Impossível.

– E se o derrotarmos?! – insistiu ele.

– Uhm... – o velho pareceu pensar por alguns segundos. Se me derrotarem, serei seu escravo pelo resto de meus dias – disse o velho de maneira muito séria.

– Fechado!

Antes que Michael fechasse a boca, já estava em movimento para acertar o velho com um soco. Michael já tinha bastante aura concentrada na mão direita e o velho ainda estava sentado. Michael não teve tempo de concentrar toda a aura na mão, mas atacou assim mesmo. O velho não se moveu.

Brian viu o punho de Michael acertar o rosto do homem. De alguma maneira, não se lembrava de ter visto o velho fazer nada, mas Michael agora fora arremessado para o fundo da sala. Bateu duramente contra a parede, que resistiu sem parecer quebrar-se em lugar algum. Michael não demorou para estar de pé novamente. Saía um fio de sangue pela sua narina. Ele não pareceu perceber.

– Brian. Quando quiser. – Disse ele.

Brian percebeu que ainda possuía a espada de madeira junto de sua cintura. Sacou-a e fitou o homem.

– Brian. Você também pensou que eu tinha acertado o soco? A mão esquerda dele estava perto do umbigo. Ele desviou meu soco num instante e, com a mesma mão, acertou minha barriga. Se atacarmos ao mesmo tempo, talvez...

– Se atacarem ao mesmo tempo – começou o velho homem –, acabarão incorrendo no mesmo resultado que desta vez.

Ele está pegando leve. Esse velho deve ser muito mais forte que nós dois juntos, se ele quisesse nos derrubar, como na floresta, não teríamos chance. Mas ele tem razão. Michael não vai aceitar ficar aqui, ele quer ir atrás de Carol. Então é melhor eu ficar do lado dele.

Brian concentrou quase toda sua aura em sua espada de madeira. Quando percebeu, Michael já havia o ultrapassado e tinha toda sua aura no punho direito. Brian se apressou e o alcançou. Michael pela direita e Brian pela esquerda. Atacaram.

Não levou mais que um segundo, mas dessa vez Brian conseguiu acompanhar tudo. O homem não desviou nenhum dos golpes. Recebeu a espada de madeira com o antebraço e socou o punho de Michael. Tudo feito ao mesmo tempo, enquanto permanecia sentado.

Brian sentiu todo o corpo tremer um pouco quando a espada de madeira se despedaçou em suas mãos. Toda a força que colocou nela, juntamente com a força que o velho aplicou na defesa, tudo foi demais para a madeira da qual era feita. Brian sentiu aquilo e não teve dúvidas de que não poderia fazer nada contra aquele homem. O que restou do cabo da espada permaneceu cerrado nas mãos de Brian.

Michael estava de joelhos. Gemia de dor enquanto envolvia seu punho direito. Contudo, fitava o velho pelo canto dos olhos. O homem levantou-se.

– Compreendem? Não vão sair. E se saíssem? Se encontrassem um inimigo como eu lá fora? Estariam mortos num segundo.

– Eu vou sair! – disse Michael com determinação em sua voz, de uma forma inédita para Brian.

Ele concentrava toda sua aura no punho direito mais uma vez.

– Se usar essa mão, vai acabar quebrando – disse o velho, mas Michael não lhe deu atenção.

Brian entendeu que Michael queria tentar usar mais que seu limite de aura emitida, e o faria. No entanto, de que isso iria adiantar? Mesmo que ele socasse com 10 mil de aura em seu punho, seria inútil. Aquele homem controlava sua aura perfeitamente. Em um instante, ele desviou o soco de Michael anteriormente e, quase no mesmo instante, com o mesmo punho, o socou para lançá-lo ao fundo do aposento. Para desviar o soco sem causar um grande dano na mão de Michael, ele precisaria de pouco mais de 1000 de aura em seu punho, mas para lançá-lo ao fundo, logo após, ele precisaria diminuir muito sua aura, pois o corpo de Michael estava quase totalmente desprotegido e atacar com 1000 de aura o mataria.

Esse velho fez essas mudanças tão rápido... num instante em que durou menos que o meu tempo de reação. É impossível vencer.

Mas Michael iria fazer aquilo, estava concentrando toda sua aura no punho direito e já não tinha mais nenhuma defesa no resto do corpo.

– Descanse – disse o velho.

O homem acertou Michael no estômago mais uma vez, antes que Michael pudesse tentar socá-lo. O rapaz caiu para trás, sem ser lançado dessa vez. Estava inconsciente, ou ao menos parecia estar.

– Se eu não o colocasse para dormir, ele quebraria a mão – disse o homem como se estivesse se desculpando pelo que fez.

A porta do aposento abriu-se com um estrondo e um homem magro e alto entrou correndo por ela.

– Senhor! Precisa vir agora, é sobre Marinville!

– O que houve? – perguntou o velho com impaciência.

– Não sei, senhor, mas o senhor Muller disse que é urgente.

– Vigie os garotos!

O homem saiu do aposento rápido como um raio e desapareceu, fechando a porta atrás de si. O homem magro e alto que acabara de chegar ficou no aposento. Parecia preocupado, mas não falou nada.

III

A primeira luta foi travada contra os próprios olhos. Michael teve de insistir duramente para que suas pálpebras obedecessem a ordem de abrirem caminho para a luz que deveria iluminar seus olhos. Encontrou-se deitado de lado, com sua cabeça acomodada por um travesseiro. Seu corpo doía quase por completo e foi com alguma dificuldade que ergueu o tronco e ficou sentado.

– Como você está?

Reconheceu a voz de Brian e virou-se para ver o irmão. Ainda estavam no cômodo feito de madeira que mais parecia uma cabana. Viu de relance um homem que os observava de junto a porta. Não era o velho de antes, era um homem bem mais magro e mais jovem.

Michael voltou-se para o irmão.

– Dolorido – respondeu a pergunta.

Brian pegou uma garrafa de água e entregou a Michael.

– Beba. Você passou muito tempo dormindo.

– Quanto tempo?

– Sei lá. O dia todo, eu acho. O velho derrubou você bem fácil. Deve doer o corpo inteiro, então descanse mesmo.

Michael olhou para o homem junto da porta.

– Pode dizer que horas são? – o homem o olhou friamente. Desculpe não perguntar quem você é, mas eu tenho mais com que me preocupar agora. E você já sabe quem eu sou.

O homem abriu um pequeno sorriso.

– O dia já raiou, se é o que quer saber.

Michael sobressaltou-se. Ficou desacordado tanto tempo?

– Preciso que me deixe ir procurar alguém na fundação, por favor – a dor não lhe permitiu ser tão imponente como fora no dia anterior. Eu realmente preciso encontrá-la. Me deixe ir, por favor.

– Garoto – começou o homem –, lá fora está uma guerra, fique sabendo disso. Se você for até lá, pode acontecer qualquer coisa ruim e seu pai iria me fazer pagar por isso. Lá não é lugar pra vocês dois.

Que seja... do jeito difícil de novo!

Michael se pôs de pé e foi até junto do homem. Percebeu que Brian iria tentar fazer qualquer coisa, então tratou de olhar para o irmão de uma maneira que lhe fez petrificar. Michael não iria parar... não deixaria nada acontecer a Carol.

Não disse uma palavra. Parou em posição de combate e, de pronto, concentrou toda sua aura emitida máxima no punho direito. O homem ficou de pé.

– Olha só – disse –, eu não quero machucar mais ainda você. Pare, amigo.

O punho de Michael voou para o rosto do homem, que colocou a mão para bloquear o soco. Michael diria que ele não entendeu bem o que aconteceu. Diria isso pela expressão de perplexidade que havia no rosto do homem quando ele caiu para o lado. Brian entendeu mais rápido, pois estava em cima dele, desferindo um golpe na nuca, antes que ele pudesse reagir.

– Você... – começou Brian, em tom de desaprovação. No último momento, logo no último momento... E começar gastando mais aura do que você tem, e com o corpo nessa condição.

– Eu precisava fazer isso. Ele esperava um soco de mil, recebeu um com o dobro do poder. Ele não queria me machucar mais, então tentou bloquear com o mínimo que poderia. Não estou feliz por precisar desperdiçar tanta aura e também não estou feliz por ter feito isso com alguém que só queria nos proteger, mas eu vou sair.

– Eu entendo – ponderou Brian. Se não entendesse, eu não teria ajudado a finalizar ele – parou um segundo e olhou para Michael. O que você ia fazer se o velho ainda estivesse aqui? Ele não ia perder pra nós, não interessa que truque a gente usaria.

– Que bom que ele não está aqui, então. Onde ele está? Que não esteja nos esperando do outro lado da porta.

– Pelo que esse cara aqui me disse, Marinville fez algo que não estava nos planos.

Michael confirmou ter entendido. Deu as costas e abriu a porta de madeira. Não havia ninguém do outro lado, apenas um laptop desligado em cima de uma mesa. Talvez com ele fosse possível passar a barreira que não permitia comunicação sem fio na Fundação Levine exceto por alguns meios. Era uma tecnologia espantosa, segundo Satoshi. Nem mesmo os equipamentos que os agentes da ONU usavam foram capazes de ignorar os dispositivos da fundação.

Era uma sala pequena, não tinha mais que 6 metros quadrados. Havia uma pequena caixa que parecia um refrigerador. Michael viu também uma escada que conduzia para cima. Seguiu-a, abriu uma escotilha de metal que se punha no caminho e achou-se num ambiente conhecido: Overton Woods. Realmente estavam embaixo da floresta, como dissera o velho.

– Estávamos embaixo da floresta mesmo – disse Michael a Brian que vinha logo atrás. Eu vou para o castelo, é melhor você ficar aqui.

– É claro – respondeu Brian –, você perdeu o juízo ontem depois da surra. Seu idiota, eu não vou deixar você ir sozinho.